

QUILOMBANDO: REFLEXÕES E TRANSFORMAÇÕES A PARTIR DE VIVÊNCIAS EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS¹

Thaís Fátima Assis de Araújo²

Resumo

Refletir sobre a formação de estudantes e de movimentações, novos sujeitos e novas possibilidades, e como a formação pode ser transformada a partir de contatos como o projeto que nasce do seio da militância e de movimentos quilombolas que é o QUILOMBANDO, apresentando como principal objetivo de transgredir a formação e convidar estudantes de diversas graduações a observarem outros aspectos, sociais, pessoais e acadêmicos. Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo apresentar as dimensões transformadoras e decoloniais do QUILOMBANDO, a partir da narrativa de graduandos e graduados e as coordenações do projeto. Construído com uma metodologia cartográfica dentro da pesquisa qualitativa, e ainda uma análise compreensiva interpretativa das narrativas dos participantes da pesquisa. As discussões são feitas entre obras como *O Movimento Negro Educador* (2017), *Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico* (2019), *Educação como prática da Liberdade* (1999) e *Ensinando a Transgredir* (2017) e as narrativas dos participantes que passaram e multiplicaram-se em meio ao projeto, movimento que construo também com as narrativas dos coordenadores do projeto. Em perspectivas inconclusas, o pensamento decolonial, o entendimento de outros saberes e a sensibilidade é o que dá força e abre outras vontades ao não-fim desse processo.

Palavras-chave: Decolonialidade. Formação. Quilombos.

Inicialmente...

E não há mais
quem morda a nossa língua
o nosso verbo solto
conjugou antes
o tempo de todas as dores.
E o silêncio escapou
ferindo a ordenança
e hoje o anverso
da mudez é a nudez
do nosso gritante verso
que se quer livre.

(Conceição Evaristo)

¹ Versão modificada de: ARAÚJO, Thaís F. A. *Quilombando*: Transgredindo a formação a partir do chão dos quilombos. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade do Estado da Bahia, Bom Jesus da Lapa, 2020.

² Graduanda em Pedagogia pela UNEB/Campus XVII - Bom Jesus da Lapa. E-mail: thai_fat@outlook.com.

O silêncio escapou e tudo o que posso agora é falar. Principalmente em tempos quase assustadores, é ousadia reverberar em pontos de resistência, do verbo antes aprisionado, transbordar em liberdade, em renovação. Escolher Conceição Evaristo para epígrafe é assinar como o sentimento é construído e necessário para o presente artigo, é confirmar que não podemos ter medo de seguir, no movimento para quebrar a mudez e ferir a ordenança, para fazer esse verso ser livre.

Não posso me deixar imobilizar, por mais assustadoras que sejam as condições colocadas às novas páginas dessa velha sociedade, encontramos-nos num cenário político consolidado com o que há de mais fétido nesse país, todas as violências postas a mesa, na própria exaltação de ideias e ideais machistas, homofóbicos, transfóbicos e racistas, o que torna o oceano acadêmico ainda mais denso.

A academia, foi um espaço de negação para muitos sujeitos, que eram e são obrigados a contornar o saber embranquecido, classista, eurocêntrico e potencialmente masculino que ficam impregnados nas paredes e comportamentos dentro das universidades brasileiras, mesmo que hoje essas atendam os filhos e filhas da classe trabalhadora. Essa educação está a serviço de quem? O que podemos fazer para transgredir os muros acadêmicos e dialogar com realidades outras? Essas perguntas buscam ser respondidas dentro de uma atividade, um Estágio de Vivência, que é base para a construção da presente pesquisa, o QUILOMBANDO, projeto que proporciona um Estágio de Vivência em Comunidades Quilombolas do Território Velho Chico, desenvolvido em parceria entre a Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB e Universidade do Estado da Bahia – UNEB em todas as edições e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IF Baiano na edição de 2016, e na edição de 2019 contou com a adesão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. Trocas de saberes, pesquisas sensíveis, outros modos de educação, são pontos percebidos e que ainda necessitam de discussões nos campos pedagógicos, para desconstrução de paradigmas que não contemplam o necessário para a sociedade. As possibilidades construídas pelo QUILOMBANDO são imensas, dada a abrangência do projeto em permitir que estudantes das diversas áreas do conhecimento possam dialogar com as comunidades tradicionais. Refazendo em cada edição o compromisso em construir uma educação libertadora, que surja dos preceitos e anseios do capital.

Como o QUILOMBANDO possibilita a transformação da Educação? De que maneira as graduações e seus discentes sentem, em suas áreas, após a vivência? Acrescento ainda,

quais resultados são apresentados por esses estudantes ao retornarem de suas vivências? Já que o objetivo é uma educação para a transgressão dessa estrutura posta que nega tais sujeitos, que reconhece apenas um modo de cultura e que, devo repetir, é racista, classista e hegemônico o presente projeto de pesquisa objetiva não só construir a crítica, como também apontar outro caminho.

Fugindo de padrões eurocentrados, o QUILOMBANDO sustenta a prática para a vida. Não apenas abordando espaços escolares, mas, ao compreender o quilombo como um espaço de vida, que precisa de atenção e respeito ao seu próprio modo de organização cultural, é onde surge a busca por uma formação transgressora, que respeite o Quilombo como espaço essencial da construção de saberes. A academia precisa pensar tanto nos novos sujeitos que estão ocupando as cadeiras em licenciaturas e bacharelados, quanto na resposta a sociedade e essa sociedade não é composta apenas pela figura urbana e branca. Ao encontrar e trabalhar com o QUILOMBANDO, torna-se emergente a possibilidade de transgressão para a liberdade através de espaços para a educação que falem de verdades mensuráveis, que não sigam a hegemonia do capital que perpetua uma exclusão.

A presente pesquisa tem por foco, apresentar o QUILOMBANDO e as possibilidades que ele direciona para uma educação como prática da liberdade, através de pedagogia decolonial, dialogando com relatos de graduandos e graduados sobre os olhares que se modificaram através participação no QUILOMBANDO.

São compreensíveis os riscos e nuances de um projeto como esse, entender que nenhuma transformação acontece sem uma práxis libertadora, motivou-me a buscar obras como *Educação como Prática da Liberdade* (1967) de Paulo Freire, *Ensinando a transgredir* (2013), de bell hooks e *Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico* (2019) de Joaze Bernardino-Costa para dialogar com os relatos dos graduados e graduandos e a perspectiva transformadora de fazer o conhecimento através dos espaços de vida.

Materiais e Métodos...

A pesquisa realizada compõe uma pesquisa qualitativa de natureza cartográfica. Os procedimentos metodológicos utilizados tiveram como intencionalidade possibilitar um aprofundamento a respeito do tema, buscando as relações reais e sensíveis dos participantes

do projeto, de sua formação e dos rompimentos com o estigma hegemônico que nega a construção de saberes fora da academia.

Como nada se dá ao acaso e a intencionalidade é sim um fator importante a ser respeitado na pesquisa, o mapa traçado permitiu a consciência dos possíveis imprevistos de todas as naturezas e por isso a nossa pesquisa valoriza todo o caminho metodológico construído em comunhão com os anseios do presente trabalho, e ainda com a premissa da liberdade, como Marilena Chauí (1984) aponta, “o bom método é aquele que permite conhecer verdadeiramente o maior número de coisas com o menor número de regras” (p. 77).

Cuidadosamente penso em uma abordagem qualitativa de pesquisa, já que a construção: “[...] não se preocupa com a representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão [...]” (SILVEIRA; GERHARDT, 2009, p. 31). Para além da perspectiva numérica ou não, aponto o caminho através da pesquisa de abordagem qualitativa pois a mesma, com cuidado “[...] responde a questões muito particulares. [...] ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.” (MINAYO, p. 21).

Dentro da pesquisa qualitativa, trago a abordagem cartográfica para sustentar a liberdade que preciso, o trabalho do pesquisador não pode ser encaixotado, não pode vir em regras já prontas, não que o trabalho vá se dar sem uma direção, mas num desafio, de se compreender como parte de um processo, como um rizoma de Deleuze e Guattari (1995, p.), que conecta um ponto qualquer a outro ponto qualquer, ou ainda “um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma seguindo uma ou outra de suas linhas e seguindo outras linhas”. E como uma linha pelo campo de estudo, caminhar e desenvolver-se pelo desejo de cruzar em outros pontos de forma infinda e não controlada, pronta para perceber no meio do objeto como parte e semelhante, não negando sua responsabilidade com essa troca de saberes. Situamos esse método como,

a cartografia se apresenta como valiosa ferramenta de investigação, exatamente para abarcar a complexidade, zona de indeterminação que a acompanha, colocando problemas, investigando o coletivo de forças em cada situação, esforçando-se para não se curvar aos dogmas reducionistas. (ROMAGNOLI, 2009, p. 169)

É isso o que leva Mairesse (2003) a dizer que a cartografia acontece como um dispositivo, pois, no encontro do pesquisador com seu “objeto”, diversas forças estão

presentes, fazendo com que ambos não sejam mais aquilo que eram. Nesse sentido, o método cartográfico “desencadeia um processo de desterritorialização no campo da ciência, para inaugurar uma nova forma de produzir o conhecimento, um modo que envolve a criação, a arte, a implicação do autor, artista, pesquisador, cartógrafo”. (MAIRESSE, 2003, p. 259)

A cartografia como método de pesquisa, no âmbito das ciências sócio-humanas foi sugerido na obra *Mil Platôs*, de Deleuze e Guattari, e lança o desafio de exercitar a abertura do pensamento para receber sem preconceitos, tudo for apresentado no processo de pesquisa como condição de possibilidade pertinente e consistente para renovação da ciência.

A construção que pretendo apresentar é debruçada sobre um projeto de extensão, formulado em Estágios de Vivências que acontece anualmente durante uma semana e proporciona a estudantes das graduações de três Instituições de Ensino Superior uma semana de vivência em comunidades quilombolas do Território Velho Chico, na Bahia. O projeto foi escolhido por seu caráter extensionista, que responde a anseios de grupos sociais que foram e são até hoje marginalizados academicamente, como também as novas identidades que ocupam espaço no ensino superior e tem seus saberes negados direta e indiretamente.

Buscando uma projeção transgressora, a presente pesquisa dá as mãos ao QUILOMBANDO e aos participantes que modificaram seu olhar e sua formação e busca responder a seguinte questão: Como o QUILOMBANDO possibilita a transformação da Educação? De que maneira as graduações e seus discentes sentem, em suas áreas, após a vivência? Para alcançar a resposta, selecionei para uma entrevista, participantes do projeto que também se motivaram e caminham como pesquisadores em comunidades e saberes de povos quilombolas.

Nome	Participação	Curso
Sheila	2016, 2018	Pedagogia – UNEB.
Raquel	2018, 2019	Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades – UFOB.
Letícia	2018, 2019	Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades – UFOB.
Marielle	2016	Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades – UFOB.
Douglas	2017	História - UFOB.

Ítalo	2017	Física - UFOB.
-------	------	----------------

Não abordo apenas os discentes em questões para essa pesquisa, busco outros personagens para auxiliar a construir o que é o QUILOMBANDO e como ele pode ser uma ferramenta de transgressão e decolonialidade.

Nome	Instituição
Napoliana	UFOB
Tiago	UFRB
Joseilton	CRQ

A sensibilidade da pesquisa precisa estar posta também nos instrumentos selecionados. A escolha consciente dos mesmos se faz relevante para o desenvolvimento da pesquisa, como o objetivo geral passa pela necessidade de relato de experiência, escolhemos a Entrevista Narrativa como primeiro instrumento. Quando Heloisa Szymanski (2004) se refere à entrevista, ela afirma que o instrumento tem sido empregado em pesquisas qualitativas como uma solução para o estudo de significativos subjetivos e de tópicos complexos demais para serem investigados por instrumentos fechados num formato padronizado. Afirmando que esse é um instrumento valioso para a presente pesquisa por respeitar justamente os processos de apresentação e reapresentação dessa memória, já que a subjetividade é o fator que move a pesquisa. Segundo Souza (2006), a escrita da narrativa traz à tona reflexões para o próprio sujeito, para avaliar importância das representações sobre sua identidade, sobre as práticas formativas que viveu, situações fortes, questionamentos, o que há de padrões construídos e de barreiras que precisam ser superadas.

Assimilar a necessidade desse método dada à subjetividade presente no momento de encontro dessas informações, já que “esse processo interativo complexo tem um caráter reflexivo, num intercâmbio contínuo entre os significados e o sistema de crenças e valores, perpassados pelas emoções e sentimentos dos protagonistas” (SZYMANSKI, 2004, p. 10).

Os dados da pesquisa foram registrados e coletados através de encontros, conversas por aplicativos com os sujeitos, discussões sobre suas pesquisas e seus relatórios de observação do projeto. Trabalhei com gravações e com registros em diário. A utilização

desses registros é de suma necessidade, pois possibilitam que dados relevantes da pesquisa não se percam. Que outras perspectivas sejam dadas a partir de interpretações lidas, relidas e ouvidas, assim, sempre que necessário, revisitar os registros e perceber sentimentos outros.

A análise de dados, construída nessa pesquisa a partir da análise compreensiva interpretativa tendo em vista que,

A análise compreensiva-interpretativa das narrativas busca evidenciar a relação entre o objeto e/ou as práticas de formação numa perspectiva colaborativa, seus objetivos e o processo de investigação-formação, tendo em vista apreender regularidades e irregularidades de um conjunto de narrativas orais ou escritas, partem sempre da singularidade das histórias e das experiências contidas nas narrativas individuais e coletivas dos sujeitos implicados em processos de pesquisa e formação. (SOUZA, 2006, p. 32)

A singularidade nessa pesquisa, que dialoga com especificidades de memórias e vivências para a construção do conhecimento, precisa ser compreendida em suas narrativas no cuidado do que tange a subjetividade.

Desenvolvendo...

Meu corpo de pesquisadora se encontra com outros corpos que também pesquisam e são pesquisados, formamos desenhos e descobrimos nesse oceano de conhecimento a possibilidade de aquilombar nossas esperanças, de acreditar em um projeto e na sua força de modificação estrutural. Propostas decoloniais, pretagogias, anti hegemonia e entre outros termos encontrados nas conversas e relatos entregues pelos colegas do grupo, compõem uma rede de conhecimento que fortalecem o meu corpo igual ao de outros no mesmo desejo de crivar buscas, de cravar sonhos e marcar nesse espaço acadêmico a própria vida além dos muros.

Os relatos apresentados, coletados dos relatórios dos estágios de vivência cabem discussões e pesquisas infindas, sobre a história da educação desses lugares, sobre como a educação pode ser caminho de empoderamento de um grupo, para que, pedagogos, licenciados, e outros profissionais que lidem com educação, tenham cuidado com esses espaços, que foram por muito tempo, negados as populações negras, remanescentes de

quilombos e que mesmo através das cotas, uma modalidade de acesso ao espaço acadêmico, a universidade não está preocupada em romper com essas estruturas excludentes. Aplaudimos a iniciativa do projeto QUILOMBANDO pela sua capacidade extensionista e de socialização e, ainda, de aproximar não somente os graduandos das comunidades quilombolas, como também, a comunidade da universidade.

Nesse sentido apresento um conjunto de narrativas dos participantes do projeto e saliento sua importância para a justificativa do que, segundo Souza (2006), a escrita da narrativa traz à tona reflexões para o próprio sujeito, para avaliar importância das representações sobre sua identidade, sobre as práticas formativas que viveu, situações fortes, questionamentos, o que há de padrões construídos e de barreiras que precisam ser superadas. As emoções e situações apresentadas ou não, se encontram em perguntas que podem justificar como os e as participantes se encontraram e desenvolveram junto ao trabalho.

O envolvimento com o QUILOMBANDO é que modifica o modo de encarar o projeto e carregá-lo como parte de si. O primeiro relato é o de Marielle, estudante do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, que quando foi questionada sobre como o projeto mexeu com ela, quais as motivações e os encontros do projeto com sua vida, ela responde que sim, ela intensifica seu modo de pensar a si e aos outros nesse caminho.

Sim, o projeto mexeu sim comigo e com a minha graduação, porque penso que foi através dele que meus estudos sobre raça se intensificaram e com isso a minha identidade enquanto mulher negra ganha mais força e consistência. Além disso, foi através do projeto que consegui perceber qual o meu papel dentro da universidade pensando a identidade negra. Sem ele talvez o meu foco de pesquisa teria sido outro, como por exemplo, filosofia e história das ciências. (Entrevista com Marielle)

O papel do QUILOMBANDO tem sido reconhecido dentro do contexto de educação libertária, uma prática que viabiliza e de forma sincera apresenta todos como iguais, como possíveis e capazes de construir conhecimento e juntos, no mesmo processo, na mesma colcha de retalhos “A obra de Paulo Freire afirmava que a educação só pode ser libertadora quando todos tomam a posse do conhecimento como se fosse este uma plantação em que todos temos de trabalhar” (hooks, 2017, p. 26). O relato de Marielle confirma não só a importância do projeto pra si, como para sua formação acadêmica e como isso ainda consegue falar de sua identidade e de onde ela está,

O QUILOMBANDO para além de um projeto me permitiu conhecer sobre a minha história e a história dos negros no país, o que acabou me fortalecendo enquanto pessoa. Também me fez enxergar onde estou colocada dentro dessa estrutura social, econômica e política da sociedade brasileira. Além de me abrir para o mundo da questão agrária e das comunidades tradicionais quilombolas e de me mostrar novas possibilidades de fazer pesquisas voltadas à minha realidade e que trazem resultados concretos. (Entrevista com Marielle)

As comunidades tradicionais, os quilombos e as pesquisas possibilitadas no QUILOMBANDO, confirmam os desejos do Professor Tiago, de que o projeto consiga estender e modificar o pensamento de alguns sujeitos. Nesse sentido, o relato de Marielle assemelha-se ao de Sheila, graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia,

Quando entrei na universidade foi despertando em mim a necessidade de conhecer mais e estudar sobre a cultura negra, porque é algo que me toca, como mulher negra. Então tudo que aparecia na cidade sobre identidade e cultura negra eu me envolvia. [...] O que me fez acreditar inicialmente no QUILOMBANDO foi o objetivo do projeto, de desconstruir conceitos estereotipados sobre quilombos; conhecer a realidade quilombola, as dificuldades, lutas e conquistas, mas também pensei que seria a oportunidade de fortalecer a minha própria identidade, sentir ancestralidade. (Entrevista com Sheila)

As duas primeiras narrativas trazem elementos de como o QUILOMBANDO pode evocar sentimentos de pertencimento e representatividade. Palavras como ancestralidade e identidade aparecem no discurso de ambas e remetem a esta preocupação de ambas em se reconhecer e afirmarem enquanto povo negro imerso na cultura, consolidando o desejo Decolonial que emerge justamente da percepção da ausência de representatividade, da lacuna de não se encontrar nesse ambiente acadêmico.

Douglas, estudante de História, acrescenta a este debate uma visão ao que concernem às questões da identidade e ancestralidade que aparecem nas falas anteriores, ele pondera sobre o fenômeno do embranquecimento na academia.

Primeiramente o que me fez acreditar no QUILOMBANDO? Esta é uma pergunta difícil, mas posso te dizer que a forma como a ideia foi apresentada. Lembro-me que estava de férias do meu primeiro semestre e recebi um email da PROGRAF da UFOB com chamada pública para participar do programa, inicialmente me atraiu, mas como sou um pouco tímido fiquei com receio, no entanto um dos pontos que mais me preocupou no meu primeiro semestre foi à composição do currículo do curso, uma grade totalmente eurocêntrica com foco na História Europeia, branca e masculina, o que de início me desanimou a continuar a cursar História na referida instituição. (Entrevista com Douglas)

Ou ainda, a representatividade ausente,

Como sou uma pessoa de outro município e de uma região ribeirinha, pouco me vi representado, e pouco vi discussões atinentes a questões étnico-raciais em meu primeiro semestre. (Entrevista com Douglas).

A academia, ao negar a existência além da branquitude em seu espaço, nega vida, nega conhecimento, num movimento de racismo e elitismo que se mascaram na normalização de espaços, o QUILOMBANDO traz à tona o sentimento para além da representação, já que proporciona aos seus estudantes, uma vivência de descobrimento, como ainda relata Douglas,

[...] Foi naquele local que me vi enquanto estudante de História, enquanto futuro professor de História, foi ali que vi a minha História representada e me senti como gente, em terra de preto como eles falavam. Aponto que a vivência ocorreu em um dos momentos mais difíceis da minha vida, acabara de perder meu avô, o qual me criou, me ensinou e me fez lutar em buscar dos meus objetivos e fazer nos representar, acho que esse foi um dos motivos que me fez participar do QUILOMBANDO. O que me fez pesquisar em quilombos, como falei, foi no quilombo que me vi enquanto gente e vi a história de nosso povo. Jamais me sentiria feliz se estivesse pesquisando sei lá História dos Fenícios, da Gália, embora reconheça que seja importante também, mas é algo tão distante da minha realidade. **No quilombo não, o quilombo é a realidade do nosso povo, é a realidade de luta e resistência que tanto me encanta.** (Entrevista com Douglas)

A realidade negada, o chão onde os pés pisam, a saída antihegemônica, a prática decolonial, elementos que compõe e asseguram a participam no QUILOMBANDO, e ainda a necessidade do que Nilma Lino Gomes (2017, p. 61) discute em uma de suas obras, a sociologia das emergências,

Dessa forma, talvez essa racionalidade seja aquela que nos permita trabalhar mais o futuro, trazer as perspectivas de outras culturas e outros paradigmas e dentro da própria sociedade moderna, trazer tudo aquilo que foi oprimido. [...] enquanto uma reflexão epistemológica construída por Boaventura de Sousa Santos, tem apontado esse caminho. Contudo, no campo da educação, faz-se necessário, ainda, o exercício de construção epistemológica de uma *pedagogia das ausências e das emergências* como possibilidade de abrir espaço para novas racionalidades, reflexões e inquietações educacionais, sobretudo na escola.

O exercício da construção epistemológica não passa apenas pelo crivo das Ciências Humanas, a nível das Exatas a possibilidade pode ser percebida no diálogo com Ítalo, quando perguntamos a ele o motivo de pesquisar quilombos e saberes tradicionais, ele afirma querer “compreender melhor a minha ancestralidade e ressignificar elementos de minha educação me distanciando das lentes do colonizador.” Ou como o QUILOMBANDO se relacionou com a sua graduação,

Escolhi como elementos de discussão para meu trabalho de conclusão de curso a ecologia de saberes e ações socio educacionais que possam valorizar as diferentes culturas e saberes. Nesta perspectiva o QUILOMBANDO me permitiu conhecer melhor elementos da cultura e do saber de povos quilombolas. A vivência deixou ainda mais nítido como o sistema educacional brasileiro, em todas as suas esferas (Ensino fundamental, médio e superior) é absurdamente eurocêntrico e contribui para a estruturação de uma mentalidade racista e limitada em saberes. (Entrevista com Ítalo).

A construção do estágio de vivência do QUILOMBANDO é a caminho para percepção de outros sentidos da realidade, detalhes que as vezes são sucumbidos em meio as lacunas da academia. A vivência do QUILOMBANDO para Ítalo, permitiu conhecer melhor elementos da cultura e do saber que poderiam contribuir com o rompimento da mentalidade racista. No ano anterior, Marielle sentiu-se diferente devido ao processo com as pessoas, o que a fez acreditar no projeto,

[...] foram as pessoas que estavam a frente do Projeto, Tiago e Napoliana. Depois disso, ainda mais quando fui conhecendo as lideranças. Com mais amadurecimento, o que me faz continuar acreditando no projeto mais do que nunca é ele exatamente ser realizado pelos próprios quilombolas, a CONAQ, por exemplo, e pessoas como Tom, Florisvaldo. O projeto não parte apenas da universidade, mas dos próprios quilombolas, o que faz com ele seja muito legítimo. (Entrevista com Marielle)

Marielle aponta a relação do Movimento Quilombola, dos professores representantes das instituições participantes do processo, da legitimidade do projeto dentro da universidade por ser reconhecido pelos próprios quilombolas, e ainda como a pesquisa extensiva a esse modo é um momento de troca.

O que me fez pesquisar sobre comunidades tradicionais quilombolas inicialmente foi a questão agrária e posteriormente as questões sobre raça e cultura. Isso em primeiro

plano, pois quando comecei a pesquisar tinha apenas 1 ano na universidade e foi através do Projeto de Iniciação Científica. Posteriormente, através do PIBIC, comecei a estudar a comunidade de Fortaleza e outros critérios foram aparecendo, como a relevância da pesquisa para as comunidades e para a universidade no que diz respeito a representatividade. (Entrevista com Marielle)

Quando falo em QUILOMBANDO, o pensamento decolonial é o primeiro citado, ao perceber como ele permite uma tomada de consciência para compreendermos quem somos em termos da nossa história acadêmica, das dificuldades de construção de uma universidade enraizada na nossa sociedade (CARVALHO, 2019. p. 89). Uma universidade que fale a nossa língua, que estude os nossos conhecimentos e lugares de vida, e não só os nossos. O papel extensionista do projeto é o que cativa os participantes que repetem as participações, Raquel já participou de duas edições do projeto e ainda afirmou na conversa que pretende cuidar para que mais gente participe e entenda a importância desse momento e de tudo que o segue,

O que me fez acreditar no QUILOMBANDO inicialmente é que ele é um projeto de extensão real, eu acredito que o QUILOMBANDO faz um papel social extremamente importante. O eixo Extensão precisa aproximar a sociedade da universidade e vice-versa e trazer essa conexão e eu acho que o QUILOMBANDO faz muito bem isso. Além dos outros eixos do tripé, casando Ensino, Pesquisa e pesquisas interdisciplinares, o Ítalo mesmo, que fez o TCC sobre a vivência dele no QUILOMBANDO, o Ítalo é da Física. [...] E todas essas misturas de fatores e ainda de se trabalhar um projeto em que a gente tá caminhando junto com uma comunidade que foi subjugada, que sempre foi colocada a margem nesse país extremamente racista. (Entrevista com Raquel)

As possibilidades de Pesquisa e Extensão do QUILOMBANDO comungam com o Relato de Sheila, cujo objeto de pesquisa culminou entre educação e quilombos,

O que me fez pesquisar em quilombos, além dos interesses pessoais de fortalecimento de minha identidade negra, foi perceber que na academia, no curso de pedagogia, não se discutia sobre quilombos. Então, houve essa necessidade de colocar essa discussão em evidência. Falar de Quilombolas, por haver, inclusive alunos quilombolas no campus, das lutas e necessidades também. (Entrevista com Sheila)

Ao falar de QUILOMBOLAS dentro da universidade, Sheila apresenta preocupação com algo já relatado pelo professor Tiago, “Nós temos visto, a entrada na universidade, principalmente através do SISU, uma grande massa de estudante que vem de escola pública, de bairros populares, de comunidades rurais, e que durante seu processo formativo na escola,

o currículo e as práticas educacionais, elas invisibilizam a existência desses sujeitos”. Sujeitos que dependem e desejam no caminho serem reconhecidos e tratados como iguais, adentrar o espaço acadêmico e se reconhecerem no conteúdo discutido. Sheila ainda apresenta suas perspectivas quanto ao conhecimento construído, a compreensão, o reaprendizado de si e de outros sujeitos. Como pode o QUILOMBANDO alcançar tantas expectativas e transpassar,

O QUILOMBANDO ampliou minhas perspectivas tanto profissionais como pessoais. Me fez enxergar conhecimentos de grande valor em situações e relações que antes não percebia. Me fez mais compreensiva com o tempo e necessidades das crianças, valorizar outras formas de educar e outros modos de aprender, de saberes. (Entrevista com Sheila)

O caminho de outras formas de educar, de outros modos de saber, de uma sensibilidade que só pode aflorar em terreno propício a isso. Desse modo, Sheila conta em seu relato, como o QUILOMBANDO, a levou a estudar outras pedagogias, outros modos de alfabetizar, uma educação que esteja de acordo com o rompimento de estigmas acadêmicos racistas.

O QUILOMBANDO me fez buscar estudar uma pedagogia diferente da que estava acostumada, uma PRETAGOGIA, buscar levar para a sala de aula uma AFRObetização. Uma educação que respeite e valorize os valores socioculturais negros e a diversidade. Hoje compreendo melhor e quero buscar mais, estudar mais, me especializar nessa área. Ainda tenho muito que aprender sobre, mas tô buscando e o QUILOMBANDO foi a essência disso tudo. (Entrevista com Sheila)

A fala de Sheila sobre pedagogias pretas partem para além dos muros da escola, um convite a construir um outro pensamento, um olhar Afrodiaspórico, uma compreensão que vem de contextos socioculturais que consequentemente segue em negação nos espaços formais de educação escolar.

Desse modo reconhecer o QUILOMBANDO como essência e possibilidade de mudança, mapeando as narrativas e histórias possíveis de sujeitos como Raquel, que acredita no poder transformador da semana de vivência, e como Marielle, que levantou pesquisa nesse sentido, Letícia que pretende ingressar em outra graduação e levar a sua vivência, Sheila e Ítalo que concluíram seus cursos e denotaram a vontade de reconstruir um saber pretagógicamente falando. Isso é pedagogia decolonial, nas comunidades do Território Velho

Chico para as universidades do oeste baiano e ao contrário, com todo o cuidado e tranquilidade para o fazer conhecimento.

A construção do saber do QUILOMBANDO é completamente diferente de qualquer experiência dentro da universidade, dado ao fato de que essa está completamente ligada aos anseios também da comunidade e nós, que já participamos, podemos contar que o projeto é construído na base das Comunidades Quilombolas do Território Velho Chico, o que conota o maior dos avanços, que é não chegar com olhar de colonizados do saber. O QUILOMBANDO carrega em si do tripé universitário que envolve ensino, pesquisa e extensão e retorna com esses resultados para além dos muros universitários, temos que falar de gente e gente em seu espaço de vida, construindo conhecimento e ensinando as gerações através do tempo.

Finalizando...

Não é desejo dessa pesquisa finalizar. Não há um fim pensável, na verdade, as linhas são infindas e conectam tudo o tempo inteiro. Em buscas iniciais percebemos uma lacuna quando falamos de quilombos, se acentua quando percebemos o olhar colonizador que se instaurou na construção da ciência e piora quando falamos em educação e espaços de poder e negação. Isso gerou um efeito de propulsão para os primeiros desenhos dessa pesquisa.

As questões inicialmente propostas para esse trabalho são respondidas entre as narrativas apresentadas e a bibliografia construída no decorrer da pesquisa. O QUILOMBANDO possibilita a transformação da Educação através da dialogicidade e da relação extensiva, além de ultrapassar currículos engessados e propor outros modos de construir conhecimento. As relações entre os discentes e as produções, são todas propostas decoloniais, conscientes ou inconscientes nadando contra a corrente. O desejo é fazer ecoar, buscar outros caminhos na academia.

Agora, o desejo é de continuidade e movimentação. Acredito que diálogo é a palavra que pode remontar tranquilamente ao QUILOMBANDO, campo de pesquisa do presente trabalho que se constrói em meio ao caminhar conjunto entre territórios, participantes, memórias, afetos, decolonialidades, pedagogias de mudança, de coragem, espaços de vida. O QUILOMBANDO se dispôs a falar de vidas, sejam elas dos moradores das comunidades

vivenciadas, ou dos próprios estudantes que se permitem modificar pensamentos e preconceitos estruturalmente estabelecidos.

É preciso realmente falar das teorias escolhidas são como o vento que sopra a vela e permitem que o trabalho não se perca e nem tome rumo em outros caminhos, especificamente a teoria que cerca o pensamento pedagógico decolonial, um rompimento com perspectivas coloniais também de pesquisa, onde o pesquisador busca observar de longe e preferencialmente de cima. Eu sou parte do QUILOMBANDO, minha pesquisa começou antes de que eu pudesse saber que o QUILOMBANDO também era parte de mim.

Não poderia eu repetir passos automáticos e frios, calculadamente negar me colocar e nem permitir que os participantes se escondessem, **estou aqui falando de vidas**. Decolonialmente o trabalho se constituiu em análises, apresentações, legitimidades, e percebo que os objetivos foram atendidos, a principal pergunta: como o QUILOMBANDO possibilita a transformação da educação? Desde sua compreensão dos quilombos como espaços de vida, ao contrário do comportamento acadêmico que coloca o quilombo como material de pesquisa a ser engavetada, estou falando de que esse saber é vivo, é preciso sensibilidade e respeito ao entrar, ao viver, ao falar.

Desse modo, apresento também um QUILOMBANDO que valoriza o espaço transformador do quilombo e o consolida como um espaço de aprendizagem para além do que pesquisas eurocentradas poderiam ter visão, um projeto de extensão que facilita a construção de multiplicadores, onde um aprende com o outro e aprendem no caminhar. Navegar é preciso e ainda há muito a ser desbravado, que o QUILOMBANDO ainda possa gerar outros trabalhos acadêmicos e continuar abrindo portas para modificadores, ser reconhecido, abraçado institucionalmente.

É preciso continuar, os primeiros passos foram dados, há anos e anos de conhecimento embranquecido, de espaços negados, é hora de ocupar espaços ou fazer ocupar. Navegar é precisamente o que posso fazer, enquanto me for permitido.

Referências

ARAÚJO, Thaís F. A. **Diário de Campo I: Estágio de Vivência**. 2016.

_____. **Diário de Campo II**: Estágio de Vivência. 2017.

_____. **Diário de Campo**: Movimentos Quilombolas na Universidade. 2019.

BOMFIM, Maria Letícia Lopes. **MEMORIAL QUILOMBANDO 2019 - TERRITÓRIO RIO DAS RÃS**. Barreiras. 2019.

CARVALHO, José Jorge de. Encontro de Saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze. MALDONADO-TORRES, Nelson. GROSGOUEL, Ramón. Orgs. **Decolonialidade e pensamento Afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 79-107.

CHAUÍ, Marilena. Filosofia Moderna. In: Chauí, Marilena et alii. **Primeira filosofia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COLLINS, Patricia Hill. Epistemologia feminista negra. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze. MALDONADO-TORRES, Nelson. GROSGOUEL, Ramón. Orgs. **Decolonialidade e pensamento Afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 139-171.

CONNELLY, F. Michael. & CLANDININ, D. Jean. Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa. In: LARROSA, Jorge. et alii. **DÉJAME QUE TE CUENTE** – Ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Laertes, S. A. de Ediciones, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, 94 p. (Coleção TRANS)

DOUGLAS. **O que é o QUILOMBANDO pra você?** Entrevista realizada por e-mail. Concedida a autora.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz Terra, 1967.

_____. **Política e Educação**: Ensaios. São Paulo: Cortez, 2001.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir: A educação como prática de liberdade.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

ÍTALO. **O que é o QUILOMBANDO pra você?** Entrevista realizada por e-mail. Concedida a autora.

JOSEILTON. **O que representa o QUILOMBANDO na formação?** Entrevista realizada em registro de áudio. Concedida a autora.

KASTRUP, Virginia. BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da Cartografia. In: PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virginia. ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2015.

LETÍCIA. **O que é o QUILOMBANDO pra você?** Entrevista realizada por mensagens de texto. Concedida a autora.

LOURAU, René. Implicação-transdução. In: ALTOÉ, Sônia Elizabeth. **René Lourau: analista institucional em tempo integral.** São Paulo: Hucitec, 2004. p. 212-23.

MAIRESSE, Denise. Cartografia do método à arte de fazer pesquisa. **Cartografias e devires: a construção do presente.** In: FONSECA, Tânia M. Galli; KIRST, Patricia (orgs) Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 259-271.

MARIELLE. **O que é o QUILOMBANDO pra você?** Entrevista realizada por mensagens de texto. Concedida a autora.

MARTINS, Edna e SZYMANSKI, Heloisa A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. **Estud. pesqui. psicol.**, Jun 2004.

MARTINS, Ítalo Anderson Rodrigues. **RELATÓRIO DO PROJETO DE VIVÊNCIA QUILOMBOLA – COMUNIDADE LAGOA DO PEIXE EM BOM JESUS DA LAPA-BA.** Coordenadoria de Ações Afirmativas da UFOB. Barreiras. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. (Coleção temas sociais).

NAPOLIANA. **O que representa o QUILOMBANDO na formação?** Entrevista realizada em registro de áudio. Concedida a autora.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A formação do formador na abordagem autobiográfica. A experiência dos memoriais de formação. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 203-218.

PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virginia. ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago.; GROSFUGUEL, Ramón. (Orgs.). **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 93-126.

RAQUEL. **O que é o QUILOMBANDO pra você?** Entrevista realizada em registro de áudio. Concedida a autora.

ROMAGNOLI. Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia e Sociedade**. v.2, n.21, 2009. p.166-173.

SANTOS, Boaventura. de Sousa. **Decolonizing the University**. The challenge of deep cognitive justice (Cambridge: Cambridge Scholars), 2017.

SHEILA. **O que é o QUILOMBANDO pra você?** Entrevista realizada via mensagens de texto. Concedida a autora.

SILVEIRA, Denise Tolfo. GERHARDT, Tatiana Engel. Org. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

TIAGO. **O que representa o QUILOMBANDO na formação?** Entrevista realizada em registro de áudio. Concedida a autora.

WALSH, Catherine. Interculturalidad Crítica/Pedagogia decolonial. In: **Memórias del Seminario Internacional “Diversidad, Interculturalidad y Construcción de Ciudad”**, Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional 17-19 de abril de 2007.